

O NEOLÍTICO ATLÁNTICO E AS ORIXES DO MEGALITISMO

ACTAS DO COLOQUIO INTERNACIONAL

(SANTIAGO DE COMPOSTELA, 1 - 6 DE ABRIL DE 1996)

1997

Santiago de Compostela

CONSELLO DA CULTURA GALEGA

UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

UNIÓN INTERNACIONAL DAS CIENCIAS PREHISTÓRICAS E PROTOHISTÓRICAS

O NEOLÍTICO ANTIGO E A ORIGEM DO MEGALITISMO NO SUL DE PORTUGAL

Carlos Tavares da Silva

Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal

Resumo. O autor céntrase nas orixes do megalitismo dende unha perspectiva evolutiva. A incipiente produción económica de alimentos no Neolítico antigo desenvolveuse a pesar dos grandes cambios na esfera social durante o Neolítico medio. A adopción de rituais funerarios colectivos e a importancia crecente das tumbas megalíticas considéranse como o mecanismo central das condicións de consolidación das sociedades segmentarias. Unha fase protomegalítica é cada vez máis visible na evidencia arqueolóxica. Esta fase vén a ser como unha ponte entre o Neolítico antigo, con cerámica impresa, e as sociedades de constructores de megálitos, que corresponden á verdadeira consolidación da economía agro-pastoral e os modos de produción domésticos.

Abstract. The author focuses on the origins of the Megalithism in an evolutionary perspective. The incipient food production economy of the Early Neolithic developed despite major changes in the social sphere, during the Middle Neolithic. The adoption of collective funeral rituals and the growing importance of megalithic tombs are understood as the central mechanism in the conditions of consolidation of segmented societies. A proto-megalithic phase is more and more visible in the archaeological record. This phase is enhanced as a bridge between the Early Neolithic with impressed pottery and the societies of megaliths builders that correspond to the real affirmation of the agro-pastoral economy and the domestic mode of production.

A informação empírica actualmente disponível respeitante ao Neolítico do Sul de Portugal permite a elaboração de um modelo que interpreta a origem do megalitismo nessa região peninsular como o resultado de um processo evolutivo inerente à dinâmica das formações sociais que aí se desenvolveram durante o Neolítico antigo. O megalitismo comportar-se-ia então como manifestação superstrutural e expressão material de um novo modo de produção surgido a partir de profundas transformações ocorridas nas sociedades neolíticas pré-megalíticas, transformações baseadas no progressivo desenvolvimento da economia de pro-

dução de alimentos. Este tipo de economia, muito incipiente e entrosado na malha de relações homem-meio dominadas pela caça-recoleção, nos inícios do Neolítico, ganha importância no Neolítico antigo evolucionado, e, no fim desta fase, irá provocar o aparecimento de nova estrutura social. Com a emergência desta, e da respectiva manifestação superestrutural que é o megalitismo, inicia-se o Neolítico médio.

O processo a que aludimos apresenta as seguintes fases:

Fase pré-megalítica

Corresponde ao Neolítico antigo pleno e a grande parte do Neolítico antigo evolucionado. Cronologicamente, e de acordo com as datações radiométricas disponíveis, situa-se entre meados do VI milénio cal BC e a primeira metade do V milénio cal BC. Ao longo deste período notam-se alterações ao nível da cultura material (cerâmica e indústria lítica), da distribuição geográfica e densidade do povoamento, da organização espacial intra-habitat e da intensificação económica e complexidade social, alterações que têm conduzido à subdivisão em Neolítico antigo pleno ou IA (meados e segunda metade do VI milénio cal BC) e Neolítico antigo evolucionado ou IB (dos finais do VI milénio cal BC à primeira metade do milénio seguinte) (Tavares da Silva, 1993).

Recenseámos até ao momento 16 sítios do Neolítico antigo pleno. Distribuem-se sobretudo ao longo da faixa costeira, entre a região de Sagres (Padrão I e Cabranosa), a sul, e a foz do Mondego (Forno da Cal e Junqueira), a norte, com raríssimas ocorrências no interior (quase somente reduzidas a cavidades naturais: gruta do Escoural, considerada com reservas, e grutas da nascente do Rio Almonda e do Caldeirão). Os sítios de ar livre, francamente dominantes, ocupam áreas planas e baixas, em geral arenosas, por vezes extensas (10 ha. em Vale Pincel I), situadas ou em ambientes estuarinos (Forno da Cal, Junqueira), ou ao longo das arribas, junto de antigas praias (Vale Pincel I, Samouqueira II), ou a poucos quilómetros da linha de costa, junto de antigos cursos de água, nem sempre importantes (Cabranosa). É nítida a frequente proximidade em relação a sítios do Mesolítico recente.

A composição faunística, a extensão dos habitats, a densidade de artefactos e mesmo a diversidade e complexidade das estruturas domésticas indicam, para o Sul de Portugal, a existência de uma economia de subsistência assente em duas estratégias complementares de exploração do território: uma de largo espectro, na qual se integraria uma muito incipiente actividade agro-pastoril, e que se desenvolveria em estabelecimentos de base, semi-sedentários; outra que exploraria estreita banda de recursos a partir de estabelecimentos especializados, de curta duração, muitas vezes sazonais.

A primeira situação encontra-se bem representada na Cabranosa, na Samouqueira II e em Vale Pincel I. Este último habitat oferece vestígios que atingem uma área de cerca de 10 ha., enorme diversidade de estruturas domésticas,

elevada densidade de artefactos líticos e cerâmicos, um índice de especialização da indústria lítica de somente 15% e uma relação entre o número de recipientes cerâmicos e o número de instrumentos líticos de 59% (Soares, 1995); a actividade agrícola está aí documentada através de testemunhos indirectos (lamelas com lustre de cereal, elementos de mós manuais) já que a matéria orgânica quase não se conservou. Na Cabranosa foi assinalada a presença de ovicaprino¹.

A estratégia de curto espectro pode ser ilustrada através dos “concheiros” do Castelejo (níveis superiores) e Medo Tojeiro. Aqui, a extensão ocupada parece ser inferior a 3500m²; a densidade de artefactos é muito baixa; o índice de especialização da indústria lítica atinge 50%, enquanto a relação recipientes cerâmicos/instrumentos líticos não ultrapassa 11% (Soares, 1995); a fauna é exclusivamente constituída por restos de invertebrados marinhos, predominando as conchas de *Mytilus* e *Patella* (estão pois completamente ausentes os ossos de mamíferos, aves e peixes) (Tavares da Silva, Soares e Penalva, 1985).

Em suma, para o Neolítico antigo do Sul de Portugal, como, aliás, para o Mesolítico final da mesma região, teríamos um modelo de mobilidade logística (Soares, 1995).

Em Vale Pincel I, estabelecimento de base escavado numa extensão de cerca de 1ha., verificou-se que a sua organização espacial mostrava núcleos habitacionais separados entre si por 10 a 20 metros e dispersos por vasta área com cerca de 10ha.. Em cada núcleo foram postos a descoberto numerosas estruturas domésticas, como bases de cabanas, em arco de círculo, construídas com materiais de origem vegetal cobertos de argila; lareiras em *cuvette* preenchida por termoclastos; empedrados de calhaus com acção do fogo; “cinzeiros”; lareiras em *cuvette* preenchida por argila cozida (Tavares da Silva, 1989). Surgiram igualmente acumulações de fragmentos de mós manuais, formando pequenos montículos que faziam lembrar *tumuli* de sepulturas.

No que se refere à indústria lítica, devemos separar a que provém dos estabelecimentos considerados de base, da dos especializados e de curta duração. Nos primeiros, como Vale Pincel I ou Samouqueira II, onde domina o subsistema tecnológico *uso intensivo* (Soares, 1995), a técnica de debitage, em grande parte sobre sílex ou chert, é predominantemente lamelar, estando bem representado o estilo Montbani e sendo nítido o seu enraizamento na tradição mesolítica regional. O grupo tipológico mais frequente é constituído por lamelas de retoque parcial, irregular, oblíquo e pouco profundo. Entre os geométricos dominam os trapézios de base menor retocada e os segmentos de círculo ou crescentes. Está presente a técnica do microburil. As principais inovações tipológicas relativamente ao Mesolítico final são as flechas transversais e os elementos de foice, lamelares, com lus-

1 O autor e Joaquina Soares recolheram na Cabranosa, em lareira que integrava o nível do neolítico antigo, posta a descoberto pela erosão eólica, parte de um maxilar classificado por David Geddès como pertencente a um ovicaprino.

tre de cereal. A indústria de pedra polida é muito rara e fruste (os sachos e os machados apresentam-se, em geral, com polimento somente parcial).

Na maior parte dos estabelecimentos especializados e de curta duração situados na faixa litoral a sul de Sines, a indústria lítica é dominada pelo subsistema tecnológico *expedito*, com artefactos de ocasião, de grauvaque/quartzito obtidos a partir de calhaus rolados colhidos nas praias existentes nas proximidades desses acampamentos (v.p.ex. o nível inferior da Praia da Oliveirinha).

Na cerâmica do Neolítico antigo pleno, as formas dos recipientes são simples e pouco variadas, esferoidais ou ovóides. A decoração, que representa um dos traços mais característicos deste período, é impressa, obtida através de punção actuado obliquamente e, mais raramente, da concha do *Cardium* e/ou plástica, com cordões horizontais e verticais, lisos ou segmentados por impressões, e mamilos por vezes cobertos por impressões. O índice de decoração (n° de fragmentos decorados $\times 100 / n^\circ$ de recipientes) é muito elevado: atinge o valor de 186,6% em Samouqueira II. A grande maioria dos recipientes, bem como extensas áreas das suas superfícies seriam, pois, decoradas (Soares, 1995).

O Neolítico antigo evolucionado encontra-se representado no actual território português por um número de arqueossítios francamente mais elevado (29) do que o Neolítico antigo pleno (apenas 16). Além desta maior densidade, nota-se, por outro lado, que durante o Neolítico antigo evolucionado a ocupação do interior se torna muito mais relevante, com sítios de *habitat* em pleno Alentejo, como Valada do Mato, no concelho de Évora, ou Gaspeia, em Alvalade do Sado. Esta expansão para o interior da economia de produção de alimentos pode corresponder a um maior controlo das técnicas agrícolas, com a exploração de solos menos ligeiros e mais férteis (Soares, 1995). Ao mesmo tempo — e ainda que o padrão locativo dos sítios de ar livre seja basicamente o mesmo do identificado no Neolítico antigo pleno, com ocupações situadas preferencialmente em áreas aplanadas e baixas, em geral arenosas — assiste-se a uma certa diversificação desse padrão (Soares, 1995a): o *habitat* de São Pedro de Canaferri, por exemplo, localiza-se na vertente SE da Serra de Sintra, à cota de 395 metros.

Embora estes e outros indícios (aumento do número e da qualidade técnica da utensilagem em pedra polida, diversificação formal da cerâmica, complexificação das estruturas domésticas) apontem no sentido de uma progressiva intensificação económica, as estratégias de subsistência e de mobilidade continuam a obedecer, pelo menos aparentemente, aos padrões vigentes no Neolítico antigo pleno, isto é, no que se refere à exploração dos recursos de um dado território, os *habitats* repartem-se por dois grandes grupos que integram um sistema de mobilidade logístico: o grupo dos estabelecimentos de base onde se desenvolve uma estratégia de largo espectro e o grupo dos estabelecimentos especializados e de curta duração, certamente sazonais. Neste último caso, figuram, uma vez mais, os “concheiros”, constituídos, no que se refere à composição faunística, exclusivamente por restos de invertebrados marinhos.

A indústria lítica, agora predominantemente sobre lascas, conserva elementos herdados da fase anterior, como os crescentes e as lamelas de dorso. Em estabelecimentos especializados na exploração dos recursos marinhos da Costa Sudoeste, mantém-se uma indústria lítica em que o subsistema tecnológico *expedito* é francamente dominante (cf. p. ex. nível superior da Praia da Oliveirinha). Como atrás dissemos, nos estabelecimentos de base a indústria em pedra polida desenvolve-se, surgindo enxós inteiramente polidas; os elementos de mó são, por vezes, numerosos.

Como salienta J. Soares (1995a), “a cerâmica continua a ser o melhor indicador artefactual das mudanças. De um ponto de vista técnico, assiste-se a inegável avanço. As pastas são agora geralmente compactas e as paredes dos recipientes menos espessas que as do Neolítico antigo [pleno]. As formas, embora da família dos esféricos e das taças em calote, apresentam novas variantes obtidas sobretudo por espessamento e inflexões do bordo. A decoração, impressa, plástica e incisa, é mais rica e variada. A decoração cardial pode sobreviver durante esta fase (Salema-Santiago do Cacém; abrigo das Bocas I - Rio Maior), muito minoritariamente, face à variedade de matrizes então utilizada. A decoração incisa aumenta. O motivo decorativo em espiga, frequentemente aplicado em esféricos altos (forma de saco), e por vezes associado a pequenas asas inseridas junto ao bordo e encimadas por mamilos, é muito característico do Neolítico antigo evolucionado e possui uma larga distribuição peninsular. Reflecte, possivelmente, a implantação de uma economia agrícola de base cerealífera”.

A economia do Neolítico antigo do Sul de Portugal assentaria, fundamentalmente, em actividades predadoras, ocupando a produção de alimentos, praticada certamente de forma muito incipiente, lugar secundaríssimo. Contudo, ao longo do período ter-se-ia verificado a sua progressiva intensificação. Podemos admitir, tal como Jean Guilaine (1979) estabeleceu relativamente à comunidade do abrigo Jean Cros, que o nosso Neolítico antigo corresponderia a uma fase de transição entre a economia predadora e a economia de produção; a sua organização social, e seguindo o mesmo autor, seria ainda a da horda, embora em estágio de crescente complexidade.

Com efeito, a produção de alimentos teria já lugar, ainda que desenvolvida de forma mais ou menos parcial, o que implicaria a existência de um sistema, mesmo que muito ténue, de relações de parentesco. “Não se trataria então de uma sociedade de tipo caçadora-recolectora, nem de uma sociedade de tipo nitidamente agrícola, mas de uma sociedade de ‘transição’ para a qual dificilmente se pode criar um modelo teórico” (Guilaine, 1979: 414).

A economia da horda, na sua forma pura, baseia-se na exploração da terra como objecto de trabalho e é de rendimento instantâneo. Os investimentos são individuais, mesmo quando a empresa é colectiva, pelo que cada grupo de produção se constitui sobre uma base voluntária. A horda não possui coesão orgânica permanente nem uma autoridade dirigente; é instável e de composição variá-

vel. Homens e mulheres púberes deslocam-se livre e voluntariamente entre as diversas hordas, representando esta mobilidade o mecanismo dominante da reprodução social. As relações são definidas pelo tipo de participação dos indivíduos nas actividades comuns de produção e consumo e não na existência de eventuais laços biológicos, de uma genealogia formal, de um antepassado de referência. As relações de parentesco não dominam, pois, a relação social (Meillassoux, 1975).

Ora, este quadro irá sofrer, necessariamente, alterações com a introdução da economia de produção de alimentos, mesmo sendo esta praticada de forma muito incipiente como teria acontecido durante o Neolítico antigo. E será, quanto a nós, no final deste período que o desenvolvimento da agro-pastorícia irá provocar importantes transformações sociais no sentido da superação de modelos organizativos que, no mínimo, representavam sobrevivências da estrutura social própria da horda.

Fase proto-megalítica

O sítio de *habitat* da Salema, situado em zona baixa, plana e arenosa da margem esquerda da ribeira da Cascalheira, a cerca de 7 Km. da costa, no Alentejo Litoral, contém testemunhos de momento final do Neolítico antigo evolucionado e do desenvolvimento da economia de produção de alimentos.

Com efeito, integrando um contexto rico em cerâmica impressa e incisa de que se destacam recipientes em calote decorados por um sulco situado imediatamente abaixo do bordo (decoração que se irá desenvolver e, por vezes, tornar exclusiva durante o Neolítico médio), ocorrem, associadas a “empedrados”, estruturas de planta ovalada com cerca de 0,5 m. por 0,8 m. e possuindo paredes de argila cozida que, em altura, se inclinam ligeiramente para o interior; algumas delas têm a base coberta por calhaus com acção do fogo o que, a par do facto de a argila das paredes se encontrar cozida, parece indicar terem sido utilizadas como pequenos fornos (Tavares da Silva e Soares, 1981). A intensificação económica que estas estruturas testemunham está ainda documentada na Salema através de uma utensilagem de pedra polida numerosa e bem acabada, constituída essencialmente por enxós; de um número relativamente elevado de elementos de mós; e de uma organização do espaço intra-habitat mais concentrada e densa do que a de qualquer outro povoado do Neolítico antigo escavado no Alentejo litoral.

Relacionável com esta ocupação da Salema, surgiu, nas suas proximidades, somente a 200 metros, no Marco Branco, um monumento sepulcral que considerámos proto-megalítico. Trata-se de uma sepultura sem corredor; a câmara, fechada, de planta naviforme, parcialmente escavada na rocha, e de pequenas dimensões (1,35m. x 1,70m.), era limitada por alguns blocos de pedra colocados à superfície do solo de então e por raros e pequenos esteios; possuía estrutura tumular simples com cerca de 2,5m. de raio (medido a partir do centro da sepultura), que consistia em uma cintura de pedras encostada aos lados da câmara. O seu enchimento mostra duas fases de utilização. Na segunda fase efectuaram-se, pelo

menos, três inumações acompanhadas de rituais de fogo. O espólio proveniente quer do estrato mais antigo, quer do correspondente à segunda fase, quer ainda do *tumulus* é pobre e arcaizante; caracteriza-se pela presença do raspador, raspadeira, buril, denticulado, lamela, lâmina estreita, trapézio e taça em calote lisa (Tavares da Silva e Soares, 1983).

De um ponto de vista arquitectónico, a sepultura do Marco Branco integra-se no que Savory (1969) designou por “enterramentos singulares neolíticos do Sul de Portugal” os quais, segundo o mesmo autor, marcariam a primeira fase do megalitismo do Sudoeste Peninsular e consistiriam em “sepulturas cistóides oblongas ou ovais, suficientemente grandes para conterem um cadáver estendido e constituídas por pequenos blocos de granito colocados à superfície, providas de um tecto de grosseira cúpula de modilhões e cobertas por montículos circulares” (Savory, 1969:98). À semelhança do que se observou no Marco Branco, estas pequenas sepulturas sem corredor e de câmara em geral fechada têm oferecido escasso material arqueológico, de características marcadamente arcaicas no contexto de universo megalítico do Sul de Portugal: rara cerâmica, sempre de formas simples, geométricos, lâminas não retocadas, machados de secção transversal quadrangular ou circular e enxós.

Como atrás referimos, a localização dos habitats do Neolítico antigo evolucionado não se restringe à faixa litoral. Prospecções realizadas nos últimos anos revelaram alguns desses habitats de ar livre em áreas do interior alentejano onde ocorrem das mais densas manchas do megalitismo meridional. É o caso de Valada do Mato, entre Montemor-o-Novo e Évora (Calado, 1995), com abundante cerâmica impressa, incisa e plástica e uma indústria lítica em grande parte lamelar. Mais frequentes são os achados que indiciam a existência no interior de um povoamento cronologicamente situável na transição do Neolítico antigo evolucionado para o Neolítico médio (Soares e Tavares da Silva, 1992; Calado, 1995), momento a que fazemos corresponder a nossa fase proto-megalítica. Verifica-se, assim, que a distribuição geográfica dos habitats do Neolítico antigo evolucionado ou / e de um momento de transição para o Neolítico médio, bem como das sepulturas que consideramos proto-megalíticas, tem expressão quer no litoral, quer no interior. Deste modo, é posta em causa a ideia defendida por alguns autores de, no Sul de Portugal, terem coexistido duas correntes culturais distintas: uma localizada na faixa litoral (Neolítico antigo mediterrâneo); outra, interior, megalítica inicial, originada directamente por populações mesolíticas. Ora, como temos vindo a tentar mostrar, a génese do nosso megalitismo deverá ser procurada em comunidades já neolíticas, mais propriamente do Neolítico antigo evolucionado, nas quais, pelo desenvolvimento da economia de produção de alimentos, se assiste ao reforço das relações de parentesco. De facto, se sítios de habitat como a Salema indicam uma intensificação económica, as sepulturas proto-megalíticas, correlacionáveis com habitats como aquele, reflectem o reforço das relações de parentesco e a emergência de uma nova ordem social assente nessas relações. Teria sido a partir do desen-

volvimento das ténues relações de parentesco que surgem com a assimilação e progressiva intensificação da economia agro-pastoril, durante o Neolítico antigo e em ambiente económico-social ainda muito marcado por um sistema de relações sociais de tipo horda, que se constrói a nova organização social. Esta encontra no *modo de produção* doméstico, tal como foi definido por Meillassoux (1975), o seu melhor modelo teórico. As relações de produção próprias da comunidade doméstica “suscitam uma estrutura hierárquica fundada sobre a *anterioridade*; (...) definem um domínio, uma estrutura e um poder de gestão reservado ao mais idoso [ao ancião] no ciclo produtivo” (Meillassoux, 1978: 67). Mas porquê esta noção de *anterioridade* que conduz à hierarquia estabelecida entre “quem vem antes” e “quem vem depois”? Em resultado das características do ciclo agrícola que se divide sucessivamente em períodos improdutivos e produtivos e que começa necessariamente com um período improdutivo durante o qual tem lugar o investimento da energia humana na terra (esta agora explorada como um meio de trabalho e não como um objecto de trabalho como sucedia com a horda), os primeiros, os mais velhos, “são aqueles a quem se deve a subsistência e as sementes: são os maiores”; ocupam então o lugar mais elevado da célula comunitária, sendo os responsáveis pelas tarefas relativas à colheita e armazenamento do produto e sua distribuição (Meillassoux, 1978: 66).

O monumento proto-megalítico representa, por hipótese, a sepultura do ancião, do antepassado, “fonte de conhecimento e regulador do ciclo agrícola” (Soares e Tavares da Silva, 1992).

Fase de afirmação do megalitismo

Cerca de meados do V milénio cal BC, as relações sociais baseadas no sistema de parentesco afirmam-se decisivamente, generalizando-se, como consequência, a prática do ritual funerário colectivo. Entramos assim no chamado Neolítico médio que se prolongará até aos inícios da segunda metade do IV milénio cal BC.

A diversidade regional da arquitectura megalítica observada no decurso deste período pode ser lida como manifestação da afirmação de distintas identidades culturais e de crescente territorialização dos grupos. Tendencialmente, as sepulturas, que se tornam abertas e, em algumas regiões, adquirem corredor, sofrerão um processo de monumentalização.

Na região de Évora-Reguengos, a um momento talvez imediatamente subsequente à fase proto-megalítica pertencem as primeiras sepulturas megalíticas de corredor, como a Anta 1 do Poço da Gateira, dólmen de câmara alongada e corredor curto, cuja utilização, rapidamente selada, foi datada por termoluminescência de 4510 ± 360 AC (Ox TL-169b). O espólio que forneceu, tal como o de todos os espaços funerários pertencentes a este período localizados no Sul de Portugal, é monótono, reflectindo a existência de comunidades ainda igualitárias. A cerâmica estava representada por recipientes esferoidais lisos (alguns deles com o bordo

extrovertido sublinhado por um ténue sulco), por vezes com “pintura” a almagre; a utensilagem de pedra lascada era constituída por geométricos (crescente, triângulo, trapézios) e lâminas estreitas não retocadas; os instrumentos de pedra polida comportavam 12 machados cilíndricos, uma cunha, 12 enxós e 1 goiva. O estado de conservação dos depósitos permitiu aos escavadores deduzir que os cerca de 12 indivíduos aí inumados teriam sido colocados de cócoras e encostados aos esteios; cada um deles foi acompanhado de um vaso, um machado e uma enxó (Leisner e Leisner, 1951).

Na região de Ourique, o megalitismo desta fase apresenta sepulturas sem corredor, de câmara rectangular e aberta. Em Monchique, as pequenas cistas atribuíveis à fase proto-megalítica evoluem para cistas de grandes dimensões.

A estas sepulturas colectivas associam-se, por hipótese, povoados abertos, de ocupação pouco prolongada, como os da Fábrica de Celulose, na margem esquerda do Guadiana (Mourão) (Soares e Tavares da Silva, 1992), e da Palmeirinha, no litoral alentejano (Sines). Em termos ergológicos, assiste-se ao desenvolvimento da indústria de pedra polida e bojardada (elementos de mós). São muito característicos desta fase, recipientes esferoidais decorados por um sulco horizontal localizado imediatamente abaixo do bordo, decoração já presente em *habitats* do Neolítico antigo evolucionado. De um modo geral, a decoração regista acentuado decréscimo. A “pintura” a almagre ocorre frequentemente. Na Palmeirinha, o único habitat do Neolítico médio até agora escavado em extensão no Sul de Portugal, não se notam significativas diferenças relativamente aos *habitats* do Neolítico antigo evolucionado da região: o padrão locativo (área plana, aberta e arenosa), o tipo de estruturas domésticas (empedrados de combustão), a potência estratigráfica (um único nível de ocupação revelando estada pouco prolongada) e a indústria de pedra lascada (ainda com crescentes) são muito semelhantes aos do período precedente; só a cerâmica difere de modo mais acentuado, visto ser quase totalmente lisa.

A fraca visibilidade desses habitats seria o reflexo de uma economia baseada provavelmente na criação de gado desenvolvida em moldes extensivos e na agricultura itinerante, de corte e queimada. Este tipo de economia fundamentalmente agro-pastoril parece encontrar-se bem documentado em nível de habitat e sepulcral, do Neolítico médio, escavado no Algarão da Goldra (Algarve). Datado de 4990±320 BP (SMU-2197), ou seja, 4154-3431 cal BC, a 2 sigma, esse nível revelou, a partir da análise de isótopos estáveis de carbono e azoto de dois adultos, e do estudo das patologias dentárias, que o regime alimentar se teria baseado no consumo de cereais e de carne de herbívoros como ovicaprinos e bovinos. Além disso, as análises polínicas e antracológicas deram a conhecer a presença de cereais e indicaram a desflorestação e a existência de campos de cultivo nas proximidades da gruta. O estudo dos restos faunísticos mostrou que a caça (javali, aves e lagomorfos), bem como a recollecção de moluscos marinho-estuarinos desempen-

haram papel secundário nesse modo de subsistência. De notar, porém, que a gruta distava somente 9 Km. da linha de costa (Straus *et al.*, 1992).

Por outro lado, os ambientes estuarinos assistiram, durante o Neolítico médio, a formas de economia especializadas na recollecção de marisco que, comportando-se como explorações talvez sazonais, poderiam ter sido complementares da economia agro-pastoril. Atenda-se, muito especialmente, às fases I e II da ocupação neolítica da Comporta (estuário do Sado), datadas pelo radiocarbono, respectivamente, de 4930 ± 50 BP (CSIC - 648) (primeira metade do IV milénio cal BC), no Pontal, e de 4720 ± 50 BP (CSIC - 652) e 4580 ± 50 BP (CSIC - 649) (meados e terceiro quartel do IV milénio cal BC), no concheiro da Barrosinha (Tavares da Silva *et al.*, 1986).

Se a construção, no Neolítico médio do Sul de Portugal, dos primeiros monumentos plenamente megalíticos representou o culminar de um longo processo de transformações económico-sociais iniciado no Neolítico antigo (fase pré-megalítica) e desenvolvido em fase evolucionada deste período com o aparecimento das sepulturas proto-megalíticas, essa construção passou, ela própria, a desempenhar um importante papel social, e consequentemente económico, ao serviço da consolidação do novo modo de produção (a comunidade doméstica). Com efeito, materializando o culto do antepassado, a sepultura megalítica evidencia um importante esforço investido na coesão. A continuidade e a estabilidade sociais seriam, certamente, indispensáveis ao sucesso da economia de produção de alimentos. O espaço funerário passará a deter uma função nuclear na regulação social, absorvendo os fracos excedentes das economias de subsistência do Neolítico médio (assinale-se a inexistência, nesta fase, de vestígios de uma nítida produção de bens de prestígio, ao contrário do que sucederá no Neolítico final e Calcolítico).

Das condições de reprodução alargada do sistema de laços de parentesco, subjacentes ao modo de produção do Neolítico médio e factor primordial da génese do megalitismo, destacam-se, assim, os dispositivos simbólicos conectados com o antepassado mítico do grupo, referencial primeiro da identidade comunitária e pedra angular das sociedades domésticas.

Referências bibliográficas

- CALADO, M., 1995. *A região da Serra d'Ossa: introdução ao estudo do povoamento neolítico e calcolítico*. Ed. Departamento de História da Faculdade de Letras de Lisboa, 191pp. Lisboa.
- GUILAINE, J., 1979. Le Néolithique ancien de l'Abri Jean- Cros. Hypothèses sociologiques. In J. Guilaïne (ed.), *L'Abri Jean-Cros. Essai d'approche d'un groupe humain du Néolithique ancien dans son environnement*, pp. 411-422. Toulouse.
- LEISNER, G. e V., 1951. *Antas do Concelbo de Reguengos de Monsaraz*. Ed. Instituto Para a Alta Cultura, 326 pp. Lisboa.
1959. *Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel. Der Western*. Ed. Walter de Gruyter & Co., 349 pp. Berlim.
- MEILLASSOUX, C., 1978. *Mujeres, Graneros y Capitales*. Ed. Siglo Veintiuno, 235 pp. Madrid.
- SAVORY, H. N., 1969. *Espanha e Portugal*. Ed. Verbo. Lisboa.
- SOARES, J., 1995. Mesolítico-Neolítico na Costa Sudoeste: transformações e permanências. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35, Fasc.2 (Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular, vol. VI), pp. 27-45. Porto.
- 1995a. Para uma reconstrução do processo de neolitização em Portugal. *Ophiussa*, 1 (no prelo).
- SOARES, J. e TAVARES da SILVA, C., 1992. Para o conhecimento dos povoados do megalitismo de Reguengos. *Setúbal Arqueológica*, 9-10, pp.37-88. Setúbal.
- STRAUS, L. G., ALTUNA, J., FORD, D., MARAMBAT, L., RHINE, J.S., SCHAWRCZ, J - H. P. e VERNET, J - L., 1992. Early farming in the Algarve (Southern Portugal): a preliminary view from two cave excavations near Faro. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 32, pp. 141-162. Porto.
- TAVARES da SILVA, C., 1989. Novos dados sobre o Neolítico antigo do Sul de Portugal. *Arqueologia*, 20, pp.24-32. Porto.
1993. O Neolítico Antigo. *Pré-história de Portugal*. Ed. Universidade Aberta, pp.149-165. Lisboa.
- TAVARES da SILVA, C. e SOARES, J., 1981. *Pré-história da Área de Sines*. Ed. Gabinete da Área de Sines, 231 pp. Lisboa.
1982. Des structures d'habitat du Neolithique Ancien au Portugal. *Le Neolithique Ancien Mediterranéen. Actes du Colloque International de Prehistoire* (Archeologie en Languedoc-nºspecial), pp. 17-28. Montpellier.
1983. Contribuição para o estudo do megalitismo do Alentejo Litoral. A sepultura do Marco Branco (Santiago do Cacém). *O Arqueólogo Português*, S. IV, 1, pp.63-88. Lisboa.
- TAVARES da SILVA, C., SOARES, J. e PENALVA, C., 1985. Para o estudo das comunidades neolíticas do Alentejo litoral: O Concheiro do Medo Tojeiro. *Arqueologia*, 11, pp.5-15. Porto.
- TAVARES da SILVA, C., SOARES, J., CARDOSO, J., CRUZ, C. SOUTO e REIS, A. SOUSA, 1986. Neolítico da Comporta: Aspectos cronológicos (datas ¹⁴C) e paleoambientais. *Arqueologia*, 14, pp. 59-82. Porto.